

Café Rian de Porto Alegre fecha e 500 mil pessoas perdem o ponto de encontro

Porto Alegre — O Café Rian, ponto de encontro dos 500 mil porto-alegrenses que diariamente cruzam a Rua da Praia e onde se vendem 600 cafezinhos por minutos, foi fechado, deixando no desamparo todos os profetas do futebol que ali faziam suas predições, os pregadores políticos que vendiam ideologias e candidatos e os apressados e desocupados que se reuniam para discutir esportes, concordar com Partidos ou simplesmente tomar um pre-tinho.

Jornalistas — principalmente cronistas esportivos — comerciantes, corretores, deputados, vendedores, aposentados de todas as classes e até o Prefeito Socias Vilela juntam-se aos que lamentam o fechamento do café, que dará lugar a mais uma agência bancária. A venda do ponto do Rian está sendo considerada como mais um passo no processo de desumanização da cidade. A Rua da Praia — diz a imprensa gaúcha — é a *Wall Street* dos pampas.

Bancos e "papagaios"

Cada vez mais tomada por agências bancárias, escritórios e corretoras do mercado de capitais e lojas de sofisticado comércio, a Rua da Praia (como é conhecida a Rua dos Andradas), a principal da cidade, está perdendo, dia a dia, um certo charme que conferia à cidade. As inflamadas discussões sobre futebol foram substituídas por especulações sobre ações, letras de câmbio e demais mecanismos das bolsas de valores.

A tradição esportiva do Rian talvez possa ser caracterizada como uma herança do ponto. No mesmo terreno, no prédio que foi demolido (e causou, como agora, profunda consternação) funcionaram, lado a lado, as sedes do Esporte Clube Internacional e do Grêmio Portoalegrense, tradicionais rivais no esporte gaúcho.

O hoje advogado Alberto Canto recorda de seus tem-

pos de estudante e compositor, principalmente de uma música sua que fez muito sucesso na década de 50. *Rua da Praia*, a música, falava em um dos versos da sede dos dois clubes "que se embandeiraram e soltam foguetes no Grenal".

— Quando derrubaram o prédio para construir o edifício onde surgiu o Rian — conta Alberto — meus amigos me gozavam, pois isto desatualizou minha música. Alberto acha que o Rian já surgiu como um fator de desumanização da cidade. Antes das sedes dos clubes, recorda, o local abrigava o Bar e Restaurante Flórida.

— Do Flórida para o futebol, o ponto ainda conservou sua imagem de confraternização e amizade. Agora, a Rua da Praia é dos bancos, dos papagaios e das falências. Isso, lógico, não dá letra de música. Embora eu esteja indo muito bem como advogado, sinto saudades daqueles tempos.

Inovações

Antes do Café Rian, funcionou ainda no ponto a Confeitaria Indiana, tradicional local de encontros dos porto-alegrenses. Mas, em 1962, os prédios localizados naquele ponto (entre a Rua da Praia e a Sete de Setembro) começaram a ser demolidos para dar lugar ao primeiro edifício com estrutura metálica em Porto Alegre. Protestos de toda a cidade até que, a 1º de setembro de 1964, no térreo do que se havia tornado o mais moderno e mais alto edifício do Estado (o Santo Cruz), foram abertas as grandes portas de vidro do Café Rian.

Com suas amplas instalações (quase 200 metros quadrados) o novo café inovou completamente o mercado do gênero, oferecendo serviços de lanchonete (lancheira, no dizer dos gaúchos (bomboniere, cigarra-ria e restaurante. Com isso, além de reunir as mais diversas camadas que se cruzavam pela Rua da Praia, levou os demais cafés e bares das redondezas à falência. Os torcedores do Grêmio — reivindica Joel Veiga — foram os primeiros a ocupar o Rian.

— O pessoal do Interna-

cional, que é um time do povão, fazia ponto noutro café. Daí que nós, tricolores, um time da elite, viemos aqui para o Rian, que era um café à altura do nosso status.

Assim, forçados ainda pela crescente valorização da área, os bares menores desapareceram para surgirem agências bancárias e filiais de grandes organizações paulistas de vendas a varejo de roupas e jóias. A mesma força que desocupou os menores acabou, 11 anos depois da inauguração, com a resistência do Rian. Um negócio que envolveu perto de Cr\$ 2 milhões (de acordo com alguns amigos dos proprietários) tomou a área do café para o Banco Sul Brasileiro.

— Não posso dizer por quanto foi vendido o ponto — comenta Olimpo da Rosa Pacheco, um dos proprietários. Apenas adianto que o Sul Brasileiro é o comprador e que foi por muito dinheiro. Outros negociantes, uns paulistas, parece que de origem japonesa, demonstraram interesse em manter um café e lancheria no local, mas a oferta do banco foi muito maior.

Protestos

Os ardorosos profetas do futebol gaúcho continuam seus protestos pela venda. Alguns prometem já mais pisar na agência bancária que suceder ao café, o que em nada preocupa os proprietários. Aliás, tampouco os perturba a demissão de 60 empregados. E justificam: "Há muitas ofertas de emprego para balconistas. Eles logo arrumam trabalho. Depois, a rotatividade da mão-de-obra era muito grande, mudavam mais de 90% do pessoal por ano, o que demonstra que eles não tinham muito amor pela coisa, mesmo".

Na realidade, milhares de cafezinhos servidos por hora (nos momentos de pique chegavam a 600 por minuto) são um serviço por demais estafante para merecer algum interesse.

Mas, são os esportistas, principalmente os que vivem do futebol, os que mais lamentam a venda, como Lauro Valdez, o Chinês, em-

presário responsável por compra e venda de grandes craques (levou Beto Fuscão e Cacau para o Grêmio e Genau para o Internacional). Lauro tinha transformado o Rian em seu escritório.

— De Maceió, de Pernambuco, o pessoal telefonava para cá, sabendo que poderia me encontrar. Agora, onde vou trabalhar? Onde é que todo mundo vai me encontrar?

A procura de um ponto que substitua o Rian parece ser a grande preocupação de todos, como o vendedor de bilhetes Paulino Pereira, o Baiano que, no meio do movimento, vendia entre 20 e 30 bilhetes das loterias estadual e federal, por dia. "Depois desse, não tem mais nenhum café nessas condições na cidade. Vou ter que andar por aí, procurando todo mundo. Minha freguesia estava sempre aí dentro".

As fontes

Jodoé de Sousa, comentarista esportivo, junta-se ao coro das lamentações: "Era uma das maiores fontes de informação da cidade. No rádio, na televisão, nos jornais, o pessoal dizia: Ouvi no Rian, e pronto, todos sabiam que a notícia era quente. Sempre surgia um fato novo por aqui, sem contar as fofocas sobre contratações e dispensas de jogadores e até os relatos de

inúmeros casos de suborno, verdadeiros ou não".

Come que confirmando o que dizia Jodoé, a poucos passos, na Rua da Praia, um grupo discutia as atitudes do técnico Osvaldo Rolla, do Grêmio:

— Ele já recuou de Tar-
so e agora vai tirar o Neca — dizia um.

Ao que seu companheiro tornava: "Está louco, se tirar o Neca, adeus técnico. Sai do time no outro dia".